

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

# A Experiência Do Deslocamento Escolar

*Ariberto de Farias Bauermann Filho*[1] *(UERGS)*
*Carmen Lúcia Capra (UERGS)* [2]

**Resumo:** O texto é um pensamento desenvolvido com a experiência a partir do Estágio Curricular em Artes Visuais no Ensino Médio, realizado em uma escola pública em Montenegro, sede da Unidade da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. O estágio trabalhou com o tema deslocamento, considerado como aquilo que constitui situações e ações próprias à escola, como a chegada atrasada dos alunos, a mobilidade dos períodos das disciplinas, a troca de professores e até na sala de artes, que é longe das demais salas. O projeto pesquisou a estética dos deslocamentos e sobre o que ela pode dar a ver sobre o espaço escolar. Identificando onde e como ocorrem deslocamentos nesse ambiente tão diverso, mas tão tenso que é a escola, realizou-se o trabalho artístico com a turma do terceiro ano do ensino médio. Produziram-se estudos e práticas em torno do tema deslocamento e foram criadas escritas, desenhos, pinturas, mapas e instruções para ver quais e como eram os diversos deslocamentos que acontecem na escola. A conclusão do estágio deu a ver uma tal experiência de "andança" das coisas na escola, que é solitária e com fragmentos que são tanto separados, quanto postos juntos.

**Palavras-chave:** Deslocamento. Experiência. Escola.

Ao propor o tema deslocamento ao espaço escolar, foi feita uma associação a coisas que ocorrem dentro desse ambiente. É um exemplo de deslocamento no espaço escolar - o ato dos estudantes de riscar as mesas da sala de aula, um gesto realizado por uma pessoa e que deixa uma espécie de recado para quem utilizará a mesa, que geralmente parte de uma ação solitária e que, todavia, atinge ou direciona-se ao coletivo. O risco na classe é a variação da posição inicial do risco no caderno, pois o habito é escrever em folhas de papel.

## Estética do deslocamento

A estética do deslocamento é oriunda das relações das coisas com o espaço ao qual estão integradas e mostra a proporção e as características do deslocamento, ou além dele. É uma divisão da estética das relações, a qual é uma maneira de revelar as circunstâncias da arte na vida cotidiana, também parte do cotidiano em direção à arte. Tal ampliação demonstra a adoção de uma concepção que pode estar em movimento por ser uma ideia uma ideia que propõe que a arte

[1] Graduando em Artes Visuais: Licenciatura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).
[2] Professora e orientadora de estágio docente na Graduação em Artes Visuais da Uergs.

seja gerada por meio das relações produzidas pelas pessoas e as coisas do mundo, nas relações pessoais. A união e a demonstração dessa ligação entre são as relações que surgem da interação de dois produtores compartilhadas em três ordens: objeto e sujeito, outro e sujeito, espaço e sujeito.

> O outro compreende: pessoa, amigo, companheira, *best friend*, *crush*, estranho, sujeito, marginal. A coisa abrange os: objetos físicos, palpáveis, tocáveis, ingeridos, apreciados com os cinco sentidos, aqueles que vestimos. O espaço é entendido como o lugar que habitamos. Que lugar você habita: Espaço, teatro, casa, cidade, estado? É o lugar que você está agora - ou no qual estava. (BAUERMANN FILHO, 2017, p. 92)

**Experiência Escolar**

A escola se faz presente e obrigatória, portanto, sua presença é tão forte que define modelos e maneiras de viver. A fixação da escola para se tornar vigente, contudo, dá-se sempre por meio de um modelo único, aquele que conhecemos e estamos até cansados de ouvir falar. Entendemos que é uma coisa muito triste e desgastante – tratar assim o ambiente escolar, de maneira padronizadora, pois ele é também um espaço rico em deslocamentos diversos, o que pode ser compreendido pelo que trazem os autores: Aldo Victorio Filho e Aristóteles Berino:

> Se desejarmos uma atividade potente para o educador, implicada com uma concepção emancipatória da educação, é fundamental reconhecer que a escola não deve ser vista como quem procura uma *virtuose*, instituição de realizações apuradas e espetaculares dos seus sujeitos. A escola, com a sua importância, faz parte de uma rede de vivências e sua extensão está entrelaçada com outros lugares de vida. O primado da vida no lugar da edificação dos personagens escolares. (VICTORIO FILHO; BERINO, 2007, p.10).

A multiplicidade da escola exatamente se dá pelas pessoas que a habitam, pessoas que vêm de diferentes espaços, zonas, tribos, famílias e que são colocadas juntas, sem escolhas, pois são apenas agrupadas pela idade ou pela série que devem cursar. Na escola, a idade é um fator decisivo, demonstrando que o tempo de vida prevalece como critério de agrupamento entre as pessoas, neste caso, estudantes. Porém, como juntar pessoas diferentes num ambiente pequeno, a sala de aula, e não possibilitar-lhes a troca, o partilhar de diferenças entre si? Com isso, a escola vai se tornando um lugar *não-lugar*, um lugar de passagem arbitrária, onde

as pessoas entram, deslocam-se pelo espaço e depois vão embora. E se elas entraram sozinhas e saem sozinhas, ocorre algo semelhante ao modo de Marc Augé trata sobre um lugar não-lugar: "*Não-lugares* [é a expressão para] se referir a lugares transitórios que não possuem significado suficiente para serem definidos como 'um lugar'." (AUGÉ, 1994, p. 73).

**Figura 2 – Escola/ Lugar/ Não-lugar/ escola**




Fonte: Caderno de anotações de estágio (2018)

**A Experiência "Sala de Aula"**

Ao entrar na sala de aula como professor/educador estagiário, espera-se obter das proposições das aulas, algumas respostas dos alunos. Não que essas respostas tenham que ser as mais citadas no jargão escolar, como aluno participando da aula, copiando textos, resolvendo exercícios e entregando trabalhos na data prevista, mas que a resposta dos alunos como o deslocamento de um pensamento sobre algo que estava posto no espaço escolar e até então não tinha movido.

Porém, quando isso não acontece, ou até quando nada acontece, o desconforto toma conta da aula. Cada aula dirá como proceder para próxima, porém não se sabe como proceder, o que fazer ou o que planejar. Entretanto, a experiência do estágio foi levando a entender que essa sensação não deve ser interpretada como a falta de uma afetividade dos alunos em relação ao docente, pois cabe aí uma nova significação, a partir da identificação de uma ruptura da emissão das respostas certas, conciliadoras ou esperadas.

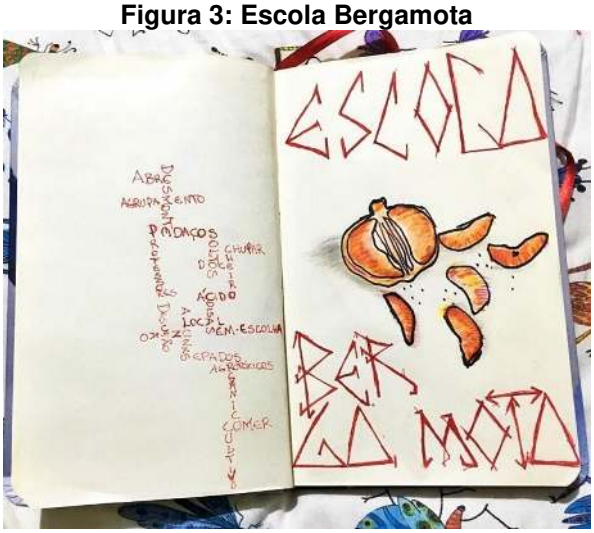
Então é possível afirmar que a educação não trabalha com certo ou errado, mas com aprendizados e experiências. Ao quebrar essas expectativas mais óbvias e corretas, estamos criando novas maneiras de nos relacionarmos com o ensino, com o aprendizado e com a forma de ser aluno e ser professor dentro da sala de aula. Ao romper a corda da objetividade, não se sabe o que acontecerá: cair do penhasco ou voar para mais alto? Como afirma o professor Alexandre Filordi de Carvalho, numa entrevista:

> Por não ser essencial ou exclusivamente um cientista, como o educador poderia criar algo novo? Seria, a meu ver, promovendo rupturas nas redes e nos circuitos de saberes-poderes hegemônicos, a fim de atuar na composição de novas formas de lidar com o saber e de relacionar-se com as experiências para a formação de subjetividades ativas e não passivas. (CARVALHO, 2015 Doc. Eletrônico)

Contudo, o *não - encontro* não é apenas uma ruptura, é um fracasso do sujeito, o que não é medido apenas por um viés econômico, mas por uma subjetividade singular que se desenrola devagar, lentamente, contra o sistema de normas. A falha dos sujeitos, professores e alunos, é uma *não-resposta* silenciada por mídias que operam sobre os que protagonizam suas histórias, onde tudo o que não é compatível com os padrões normativos, é considerado não-encontro. Logo, o deslocamento é como a *solitude*, então escolhe sozinho subverter.

**Soli(tu)d(e)ão**

**Figura 3: Escola Bergamota**




Fonte: Caderno de anotações do autor (2018)

Chega ao fim esse texto, no qual foi tratado três temas que permeiam o espaço escolar: deslocamentos, experiências e solitude. As palavras conversam entre si, pois criam deslocamentos vividos individuais, sendo que a escola por vezes negligencia essas partes divididas. Como foi apresentado no texto, parece que as coisas minúcias não são notadas na escola. Numa metáfora é como pegar uma fruta, a bergamota, toca-la e vê-la por inteiro, porém depois de descascada tornam-se pequenos pedaços que rapidamente vamos ingerir, sem dar ênfase as pequenas estruturas que compõem o todo. Dado que os gomos lembram nossas relações no ambiente escolar, pois ficamos juntos “apertados” e a bergamota só existe se todos os gomos se desenvolvem.

Para que essa transfiguração aconteça, temos que pensar no deslocamento como um movimento além do que é de ir e vir para a escola e como estudamos/ fazemos/ criamos/ problematizamos a arte. Dessa maneira, há necessidade de ocupar os espaços que são dados e transbordam as proposições que florescem de novas conexões. Na vida rotineira há transbordamentos e o banal não está separado da arte, nem do ensino / aprendizagem. Quanto mais pudemos estabelecer essas pontes entre a arte – vida - ensino, mais criaremos e aprenderemos com essa junção. Como fala Mosé:

> Estudar, cada vez mais, será, antes de tudo, entender onde a gente mora, que relações predominam ali, que tipo de vida impõe, para saber até que ponto queremos seguir trilhas prontas ou inventar as nossas. Viver é sempre o grande desefio de estabelecer metas, abir trilhas, produzir contornos, conceitos; viver é criar valores. Por isso, o aprender deve estar vinculado ao criar. Aprender criando é a regra, por que do contrário não é aprendizado, é treinamento; não há troca, há imposição. Mas a arte não é considerada fundamental, como deveria, mas acessória, distração. (MOSÉ, 2013 p. 83).

Aprendizado é a ligação de arte e educação ou educação e arte e está na proposição de deslocar o pensamento, as coisas, os outros e o espaço. Talvez, a experiência de transfigurar ao nosso redor seja própria de quem esteja deslocando-se. Todavia se não desenhar nossos percursos, não desfrutaremos sair da rota. Fato esse que se assemelha à escola, espaço, lugar, prédio que não é modificado. Mas a

cada novo dia a educação e a arte proporcionam fissuras, transbordamentos que rompem esses lugares. Aqui o deslocamento não é burlar a regra, mas encontrar novas maneiras de relacionar-se.

**Referências**

BAUERMANN FILHO, Ariberto de Farias. *Relatório de estágio curricular supervisionado artes visuais: licenciatura.* 97 fl. Montenegro: UERGS, 2017. Doc Eletrônico.

VICTORIO FILHO, Aldo; BERINO, Aristóteles de Paula. *Culturas juvenis, cotidianos e currículos.* Rio de Janeiro: Currículo sem Fronteiras, v.7, n.2, pp.7-20, Jul/Dez 2007.

MONTEIRO, Alexandrina. *Álbum Escolar: composições sobre a aprendizagem e o aprender na escola.* In: BRITO, Maria dos Remédios de; GALLO, Silvio. Filosofias da diferença e educação. São Paulo: Livraria da Física, 2016.

MOSÉ, Viviane. *A escola e os desafios contemporâneos.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares – introdução a uma antropologia da sobremodernidade.* Lisboa: Editora Letra Livre, (2012). [1992]. Disponível em: <https://globalherit.hypotheses.org/3883>. Acesso em: julho de 2018.

JUNGES, Márcia. MACHADO, Ricardo. *A educação como ruptura, não como institucionalização.* São Leopoldo: Revista do Instituto Humanistas Unisinos, 2015. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6124&secao=472>. Acesso em: julho de 2018.